

DARCEY STEINKE

# Loira suicida

*Tradução*  
Simone Campos



# SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

*Sobre o autor*

*Créditos*

*Para Michael*

Seria o bourbon ou o cheiro de tintura que fazia as paredes cor-de-rosa tremularem feito lábios vaginais? Um odor acidulado cingia a banheira assentada em patas de animal, dedilhava a cortina do chuveiro. Minha visão era líquida e polimorfa feito uma luminária de lava. Vi no espelho a cicatriz do espinho de amoreira que pegara no meu queixo e riscara uma curva finíssima até a testa. Mal se notava, mas dava a impressão de que minha cara estava rachada. Bebericando mais um gole de bourbon, vesti as luvas de plástico e comecei a repartir o cabelo na raiz. Enquanto a tintura se infundia, ouvi um leve ruído de sucção, como o de água sendo tragada pela terra, e me perguntei: se eu tivesse coragem de cortar os pulsos, será que ia me dar ao trabalho de pintar o cabelo?

Eis o que aconteceu: ontem Bell passou o dia inteiro à janela, fumando. Tinha os motivos de sempre — o pai, não encontrar trabalho como ator, estar ficando velho e feio. Além disso, estava suspirando por causa de Kevin. Por horas a fio ele fitou o envelope cor de ovo com o convite do casamento de Kevin e olhou pela janela, o rosto dando vagas fisgadas conforme revisitava as memórias uma a uma. Aquela melancolia me fez pensar que ele devia estar de saco cheio de morar comigo. E isso, por sua vez, me fez querer agradá-lo, demonstrar que eu não era uma das suas preocupações. Então, quando ele foi dar uma volta, vesti meu body preto e me acomodei no futon. Contemplando meus seios envoltos em florais de renda, pensei que devia estar emanando ansiedade, feito um dogue-alemão

ou um cachorrinho nervoso. Parecia desespero... usar a única coisa que o atrairia. Parecia manipulador, mesmo se fosse uma tentativa de arrancá-lo da própria melancolia. Quando absortos, os homens ficam mais atraentes do que nunca.

Bell voltou e foi até o pé da cama. Seus olhos se estreitaram, lúbricos, admirando minha ousadia. Ele se deitou em cima de mim e disse: “Agora eu que mando”. Mas quando não soltou o peso sobre mim, perguntei se ia tirar a roupa. “Parece que é isso que você quer”, disse ele. Corei e perguntei se ele se sentia pressionado, disse-lhe que agora ele sabia como as mulheres se sentiam. “Tira isso”, disse ele, arregaçando a renda do body. Eu o tirei por baixo, e, de um ímpeto, arranquei a camisa dele. Havia algo rígido em mim que fazia questão dele, não importava quão constrangedor fosse. Nos beijamos de forma ausente. Por fim, ele virou o rosto, como se estivesse observando um pássaro cruzar o horizonte. Enxerguei continentes obscuros sob a tinta da parede atrás de seu perfil.

“Está chato”, disse ele.

Sentei na beirada da cama, depois fui até o closet. Mexendo nas roupas dos cabides, já sentia minhas mãos começarem a tremer. Me vesti e fui para a cozinha. Sentia um gosto de moedas na boca, uma náusea violenta, crua como lata, como quando se acaba de quebrar um osso.

Bell sentou no escuro, à mesa pintada junto à janela. Às vezes as luzes da rua iluminavam um filete de fumaça de cigarro, o rosto dele seccionado por facho de luz entrecruzados, seus olhos límpidos e vazios feito os de um gato.

“Preciso ir comprar mais cigarro”, disse ele.

Seu tom não pareceu maldoso, só acabrunhado. E eu não conseguia distinguir se ele estava se desapaixonando de mim desajeitadamente ou se, conforme alegava, era só seu jeito reservado

de sempre. Às vezes eu desconfiava que ele estava embotado, incapaz de emoções humanas previsíveis. Na semana anterior, dera risada de um casal de turistas separado pelas portas do trem BART. Imaginei uma tela de arame atrás de sua testa e uma expressão fria e metálica nos olhos. É claro que era apenas minha imaginação, mas a sensação foi pavorosa, como a de descobrir que seu amor é um assassino.

Já fazia vinte e quatro horas que ele tinha saído. Houve um tempo em que eu achava charmoso esse seu hábito de sumir por aí, mas de repente aquilo me parecia masoquismo. Eu não queria ser uma daquelas mulheres viciadas em indiferença.

Tirei as luvas e descartei-as delicadamente, feito camisinhas usadas, na lixeira. O incidente do body era assustador porque exacerbava a sensação de que meu poder feminino estava diminuindo, me abandonando gota a gota, feito leite pingando de uma jarra rachada. Enrolei uma toalha no cabelo. Minha aparência me lembrava o clichê da mulher fracassada, de forma que tirei o roupão e me estendi no sofá, um lugar melhor para observar as sombras crescerem nos dedos verdes e carnudos da enorme planta-jade. Ele a herdara dos moradores anteriores, porque ela não passava mais pela porta do apartamento quando se mudaram. Perto da planta havia um painel de cedro com uma cena japonesa. O boá de Bell estava pendurado num gancho junto de seus stills de filmes; gestos corporais borrados de uma produção em super-8 que Bell tinha feito anos antes. Havia várias miudezas: o abajur de vidro azul, o leopardo com olhos que brilhavam, garrafas de vinho vazias, cálices de latão, postais da Europa de ex-amantes, velas e incenso em uma mesa especial com toalha de linho, além dos crucifixos, santos e deuses hindus de Bell, um boneco GI Joe, um colar de contas vodu de obsidiana, um crânio de cachorro e uma máscara africana de antílope.

A janela dava para a Bush Street e mostrava os telhados desencontrados da Nob Hill, tão enviesada como uma capital do Oriente Médio. Os terraços das coberturas tinham exóticas portas francesas, minúsculos limoeiros e mobília rendilhada de ferro forjado. Em uma delas havia uma fonte verde; outra, em dias de calor, exibia uma cacatua num poleiro. Acima de tudo isso brilhava o letreiro em neon do Hotel Huntington, inundando nosso quarto de uma luz verde bruxuleante.

Meu corpo parecia parte do aposento, uma cadeira ou um vaso. Me lembrei da primeira vez em que vi minha mãe pelada. Ela estava na frente do espelho, repuxando os quadris, apertando o estômago, conferindo, como eu naquele momento, possíveis sinais de decadência. O corpo feminino, pensei, tem capacidade para tanto primor e tanto horror. Me endireitei para um gole, mas derramei o bourbon, que escorreu pelos meus peitos e continuou a descer até formar uma poça no meu umbigo.

Olhando para o meu corpo tive a sensação de que era idêntico ao de Bell. As imagens vinham rápidas: um gesto expressivo com a mão, seu cheiro — de poeira úmida e cigarros enrolados à mão —, seus traços amplos que ficavam mais bonitos em estado meditativo, o modo como sob certa luz a pele dele empalidecia até parecer azulada, como nesses momentos ele parecia uma espécie de criatura e eu quase esperava ver asas brotarem de suas escápulas.

Em matéria de temperamento, não é que Bell fosse exótico, e sim sofisticadamente adolescente. Ele havia intelectualizado, aperfeiçoado e poetizado os motes da juventude. E essa sofreguidão íntima era sua desculpa para seu estado taciturno, para seu comportamento errático, e o combustível de sua filosofia sobre o vazio da vida e do culto do prazer. Não é que Bell fosse de fato imaturo, simplesmente estava preso num estado prematuro, feito um

besouro cuja carapaça é muito mais vívida porque o último estágio de homogeneização para a vida adulta nunca aconteceu.

O relógio tiquetaqueava alto; parecia debochar de mim com seus dedos compridos e ritmos monótonos. Tomei um trago da garrafa e percebi que estava bêbada. Meus pensamentos vinham entrecortados, e tive a sensação de que exatamente metade da minha vida já havia transcorrido. Começou com um formigamento na nuca que me fez estremecer, depois se espalhou pela minha cabeça feito um capuz. Mas eu nunca me senti de outro jeito. E sabia que minhas lembranças, de infância ou não, simplesmente eram momentos em que eu tomara consciência e fora intensamente eu mesma. Ouvi o zumbido que sempre ouço quando uma lembrança está se encastelando e reconheci aquele som como minha forma particular e contínua de estar viva.

Meu cabelo empestava todo o apartamento. Entreabri a janela e o boá do Bell se expandiu com o ar. No banheiro, a banheira de porcelana era fria ao toque. Ajustei a água, arranquei a toalha da cabeça e entrei, ficando de quatro. Meus peitos apontaram para baixo, me lembrando das tetas utilitárias das mamíferas. E pelo meio deles pude ver os pelos entre minhas coxas. Os caracoizinhos negros pareciam tão mirrados, até obscenos. A água batia na minha cabeça. O clareador era forte. Meu rosto esquentou e pinicou, e percebi que, mesmo sozinha, eu estava com vergonha. O resíduo ácido demorava a descer pelo ralo, fazendo arder meus joelhos. *Estou tingindo o cabelo para reconquistar o Bell, pensei, e porque todo mundo adora uma loira.* A luz forte tornava o ambiente inóspito, o sabão entrava no meu olho e eu sentia crescer uma sensação extenuante que sempre significava que estava prestes a chorar. A água deslizava límpida pelo ralo. Quando me ergui, meu cabelo soltava vapor, e mais parecia um emaranhado de cobras úmidas e claras.



Saí andando, respingando pelo apartamento escuro, até a janela. O neon do hotel furava a névoa vespertina. Às vezes sua aura afluía feito uma mancha solar, e eu podia sentir sua energia me impregnar através das milhares de raízes do meu couro cabeludo, cada uma delas agora ostentando um fio dourado.

A porta metálica do prédio se fechou surdamente depois que saí. A noite era amena. Ouvi os sinos da Grace Cathedral, pensei em ir até lá, sentar num banco nos fundos, com a luz sanguínea em cima de mim, inebriante feito um bom vinho tinto. Jesus estaria por toda parte nos vitrais radiantes, seu rosto se repetindo incessantemente feito o do homem amado ou daquele que você mandou matar. A Bush Street era tão íngreme que precisei me inclinar um pouco para trás, o que fez as reconfortantes minúcias da cidade — os postes estilo lâmpião da Pacific Heights, a colcha de retalhos de casas vitorianas e os arbustos esculpidos — parecerem distantes. Estendi os braços para a frente para deter essa sensação, logo em seguida os deixei tombar, parecia um gesto de louco.

Talvez não fosse uma boa eu ir atrás do Bell, mas continuar no apartamento parecia impossível. O que será que queria dizer o fato de eu não ser o tipo de garota capaz de esperar, matando desapaixonadamente o tempo tomando um vinho ou lendo um romance? Meus instintos me diziam para deixá-lo, era o que eu sempre fazia quando encontrava a primeira nódoa de insatisfação. Eu era o tipo de garota que abandonava os homens. Não era meu estilo ir atrás do Bell. E eu sabia que procurá-lo em nada diferia de vestir aquele body ou tingir o cabelo. Pensei na minha mãe, em como, quando meu pai ameaçava deixá-la, ela começava a demorar mais

para se arrumar e a usar um batom vermelho forte... de repente ela começava a fazer tanta força para ser amada.

No começo as noites eram aconchegantes, eu fazia sopa e ficávamos na cama juntos lendo jornal, com o radiador estalando. A noite estava visivelmente do lado de fora, e nós, seguros no centro dela. Agora, a noite parecia gás venenoso, se infiltrando por todos os cômodos. E Bell, como uma prostituta ou um viciado, transformou o dia em noite. Meu amor se estilhaçara, de forma que eu o via em toda parte. Nas vitrines, nos bares, nos carros alongados e lustrosos, até nos olhos de uma mulher bunduda de calça rosa, e nos de um magrelo alto com bigode despenteado de caubói texano. O bourbon exacerbava a ambientação carnavalesca e desregrada da Polk Street.

O Motherlode fazia o mesmo estilo de outros bares gays do quarteirão, cheio de homens de roupa casual. A música disco estava tão alta que a vidraça tremia. A maioria deles olhava para a enorme tela de TV com o homem de quatro em cima de um balcão de bar, um monstro todo encouraçado, com bonezinho de chofer e colete de couro preto. Um homem idêntico socava o punho no ânus dele. A multidão observava, mas ninguém parecia particularmente interessado. Em vez de excitar os homens, aquilo parecia intimidá-los, e levando em conta a decoração do bar — papel crepom e estrelas prateadas — o lugar tinha a atmosfera de um baile de formatura.

Na esquina, um bando de rapazes aguardava entre vitrines decoradas com cortinas de box de vinil, lascivas feito línguas. Todos eram magros feito enguias, e um deles era louro oxigenado com uma tez tão esburacada que parecia a superfície lunar.

Sua pelve estava projetada para a frente e ele usava um cinto de couro cujas tiras envolviam as coxas. Eu não conseguia não olhar, ele tinha um quê de pomposo e agitado. O rapaz percebeu meu olhar e

disse: “Com isso aí eu não durmo”, me indicando com o queixo. Os outros deram risadinhas. Tentei evitá-los, mas o louro se adiantou e me deu um esbarrão, me surpreendendo o bastante para eu me desequilibrar e tropeçar no cimento cintilante. Quando tentei levantar, ele postou o quadril bem na minha cara. Meus lábios roçaram na textura de lixa do jeans. Ele gargalhou, seu rosto aureolado pelo luar.

Fiquei de pé, corri. Com o rosto em chamas, gritei: “Cuzão!” e o loiro replicou, emproado: “Tô vendendo!”.

Trancando a mandíbula, tive de novo aquela sensação de tremor ondulante. Estava morta de medo de que Bell tivesse voltado para os rapazes.

O Black Rose tinha um clima pós-apocalíptico, como se tivesse pegado fogo e só mal e mal se restabelecido. O interior era todo preto com pé-direito baixo, e a pouca iluminação era ocasional e tristonha. Me chamou a atenção especialmente a lareira cônica de metal e o modo como o bartender era diligente em alimentar e atizar o fogo, como se aquelas fossem as últimas brasas sobre a Terra. Não era um bar gay como a maioria dos estabelecimentos próximos à Polk Street, mas havia algumas bichas seletas em meio aos punks com argolas no nariz e aos rubicundos veteranos do bar. Todos eles, assim como aqueles enfurnados nas divisórias profundas e nas mesas esculpidas da parte dos fundos, estavam ali porque a cerveja era barata. Uma música gritada bombava no jukebox. E, embora eu tivesse ido esperar Bell, porque toda noite ele batia ponto no Black Rose, fiquei aliviada por ele não estar ali. O que eu diria para ele? Me sentia estranha procurando uma situação tão constrangedora. Eu pensava maluquices: ir até ele e dizer que minha mãe tinha morrido, que um

ex-namorado tinha me ligado, que uma revista queria fotos minhas ou quem sabe apelar de vez e mentir que estava grávida.

Mas eu me odiava por pensar em tais coisas. Por que deveria precisar de algo interessante ou provocante a dizer? Aquilo me lembrava do interesse repentino e forçado da minha mãe pelos hobbies de meia-idade do meu pai depois que ele ameaçou ir embora, e de como uma vez, no carro, ela quase começou a chorar porque não conseguíamos encontrar o campo onde seria realizado o jogo de softball da igreja.

Pedi um bourbon e me sentei no fundo do bar. Rabisquei no guardanapo: *Só quero esse aí de volta*, depois: *Amor não tem nada a ver com mérito e Ninguém vai morrer disso*. Eu escrevia e reescrevia essas frases, e como era tudo verdade me sentia dramática demais, até mesmo idiota. Percebi que estava escrevendo aquilo com o vago desejo de que Bell visse. A ideia de que tudo o que eu fazia era motivado por ele me desalentou.

Por que Bell era tão desregrado? Quando eu pedia explicações sobre aqueles sumiços, ele dizia que era egoísmo meu pensar que eu era a responsável. Tinha a ver com o pai dele, dizia, com a imobilidade do rosto dele em seu leito de morte, com o modo como a pele flácida ao redor do queixo dele fazia Bell se recordar da decrepitude da própria carne. “Sabe como é horrível usar a pele de um morto?”, dizia ele.

Então Bell entrou, seguido de um jovem. Eu entendi que não ia lá falar com ele. Ele parecia intimidante, quase estelar. Primeiro pensei que o rapaz fosse Kevin, mas era um dos antigos amantes de Bell. Kevin agora estava mais velho, e além do mais morava em Los Angeles e ia se casar em breve. Olhando melhor, o tal homem era miúdo, e não jovem. Era ruivo, com trejeitos ágeis de sátiro.

Bell parecia exausto, oco e leve, quase sem peso. Os dois se sentaram a uma mesa distante, o homenzinho virado para mim e Bell de perfil. Eu não conseguia ouvir o que diziam, mas era fácil ver seus rostos, embora não pudessem ver o meu. Li suas expressões como quem lê os ingredientes de um frasco de veneno que tomara por engano. A concentração e o sossego de Bell me estremeceram. Me lembravam da felicidade dos nossos primeiros meses, quando ele me provocava com brincadeiras sem maldade, quando nossa estrutura moral parecia idêntica. Mas os mesmos gestos naquele momento me pareciam agourentos. E seus movimentos cada vez mais transmitiam uma serenidade que o faziam parecer desinteressado no que quer que o homenzinho estivesse dizendo. Como sempre, ele opunha resistência, sonegava participação. Na cama, Bell apoiava os ombros nus na parede, sempre esperando que eu fosse até ele. O homenzinho abria demais a boca para falar e gesticulava com o queixo. Após cada frase, se detinha e olhava intensamente para o rosto de Bell.

Bell desviava o olhar, soprava longas e indiferentes fieiras de fumaça. Aquele discurso começava a parecer um interrogatório. Bell o refutava, e eu sabia que naquele momento falava de sua ideia mais recente, a de que ninguém nunca tivera uma ideia original, a de que qualquer noção era uma confluência de notícias, ideias antigas, história, músicas, e cada pessoa era simplesmente uma dentre as muitas que a haviam captado no ar. O homenzinho ficou contrito, de olhos baixos, e aí pegou no pulso de Bell. Puxou-o para si e disse algo peremptório.

Bell se desvencilhou do braço do homenzinho, acendeu um cigarro e foi até a porta. Olhou para o meu lado, mas não me viu. Percebi por sua expressão compenetrada que pensava em mim e logo voltaria para casa.

*image  
not  
available*

sua voz, “Tira isso”, enquanto esticava a malha do body e fazia o elástico estalar contra minha pele. *Ele me faz mal*. Essa ideia me assombrou, e passei algum tempo contemplando a água da fonte esguichando em meio às estátuas. Um vento forte embaralhava as folhas do eucalipto. A natureza é mais bela em movimento: o vento, a água, o sol poente. E foi então que vi uma mulher entrar despreocupadamente no parque.

Ela se debruçou na beira da fonte, deixando o cabelo comprido roçar a água, usando um minivestido de estampa indiana e sapatos de plataforma. O vento tremulava os copos-de-leite. Ela desafivelou os sapatos e, com um movimento experiente, tirou o vestido pela cabeça e entrou na fonte. Fiquei alarmada, me ouvindo respirar diferente, como no sexo. Ela estava nua e tão pálida que o mármore parecia encardido em comparação. Quando olhou na minha direção, seus olhos refletiram a luz e lampejaram vermelhos. Se me via, não parecia se importar. Seus traços amplos eram suaves, mas aquilo bem podia ser tanto a calma dos loucos como uma tranquilidade verdadeira. Rapidamente, ela lavou os pés, se agachou, jogou água por entre as pernas e sobre os seios. Levantando, enfiou a cabeça entre as coxas de um soldado de mármore e por um momento ficou envolta em uma coluna de água espumante. Sentando à beira d’água, torceu o cabelo e raspou a água do corpo com as palmas bem tesas e abertas. Ela emanava um poder frágil, nada perigoso, só resiliente, como se ela fosse difícil de matar. Admirei sua falta de medo. A mulher vestiu o vestido de volta, segurou o cabelo molhado para trás enquanto calçava os sapatos de plataforma, então se voltou na direção das luzes leitosas de Tenderloin.

Fiquei de pé e observei-a descer a ladeira. A água parecia absolvê-la. Sua postura era régia, e ela não olhou para trás, embora eu desejasse que o fizesse e me visse, pequena, de pé em meio às

*image  
not  
available*



defumado já ficando marrom e meio tomate perdendo seu tônus. O problema de ser uma mulher moderna, pensei, enquanto a porta da frente se escancarava, é que você tem que fingir ser mais forte do que é.

Ele andou direto até mim e se apoiou no umbral da porta. Seu cabelo estava embaraçado e seu rosto mostrava princípios de barba. Seu cigarro trazia um longo toco de cinza que ele descartou na própria mão. Quando tragou, a ponta acendeu, iluminando seu rosto de baixo para cima. Como um bom ator, Bell demonstrava uma postura diferente daquela do bar. Sua presença adensava a atmosfera do apartamento. Abri a torneira. A água bateu na pia. Bebi um copo inteiro, depois me servi de outro. A proximidade do corpo dele me deixava insegura. Talvez eu tivesse exagerado. A torneira jorrava. Eu sabia que teria que dizer alguma coisa assim que a fechasse. Sua abordagem costumava ser se fazer de mais ofendido do que eu ou levar a discussão a extremos — “Você quer o quê, que eu fique acorrentado na cama?” —, me fazendo parecer irracional.

Ele ia me fazer falar primeiro, como sempre fazia. Ele sabia que o silêncio era uma reprimenda, perturbadora como vômito, e que, quase histérica, eu iria correndo satisfazê-lo, limpar o recinto, deixá-lo confortável. Percebi que a pele ao redor dos olhos dele estava fina e acinzentada, talvez estivesse exausto, mas aquilo lhe dava uma aparência destemperada, e eu sempre associava olhos como aqueles ao mal. Notei que, desde que ele se fora, meus pensamentos o haviam transformado num verdadeiro desconhecido.

“Por onde você andou?” Eu não queria ter começado assim, sabia que seria melhor ter parecido indiferente.

Ele deslocou o quadril num contraposto displicente e estreitou os olhos. Provavelmente queria parecer sexy ou poderoso, mas só pareceu desmazelado.

*image  
not  
available*

“Isso porque quando se está apaixonado os problemas vão junto para a cama.”

“Você mesma me disse que fantasia com estranhos, com dar prazer a vários homens ao mesmo tempo.” Ele olhou bem nos meus olhos, então ficou de pé devagar, empertigado, tentando argumentar com o corpo.

“Eu disse isso porque pensei que você ia entender. É a diferença entre pensar em matar alguém e fazer isso de verdade.”

Ele pegou minha mão e a segurou com a palma para cima, então deslizou a ponta do dedo sobre minha linha da vida, fazendo cócegas. “Imagine só se eu não te conhecesse, se visse você na rua e te notasse porque seu cabelo cobre metade do seu rosto e seus quadris requebram num ritmo preguiçoso que pede: ‘vem, me come’.” Ele apoiou a mão frouxa sobre a outra e me puxou devagar em sua direção, como se meu braço fosse uma corda. Pude sentir seu hálito no meu rosto. “Eu seguiria você pela rua até a escada na frente do seu prédio. Observaria suas coxas esguias embaixo do vestido sumirem portaria adentro, pensando em como devia estar molhada, em como seus peitos deviam ser fartos e frescos ao toque. Aí eu ia te seguir escada acima. A porta ia se abrir. Eu ia te ver pelada na cama, no feixe de luz do corredor.”

Ele me puxou para junto dele, segurou metade da minha bunda em cada mão e sussurrou no meu ouvido. “Primeiro eu ia sentar na cadeira perto da cama e te tocar, alisar suas saboneteiras, contornando seus peitos em espiral com os dedos até chegar ao bico. Aí eu ia abaixar a cabeça e te chupar.”

Meu rosto estava enterrado em seu cabelo; fumaça, eucalipto. Eu sentia que estava ficando molhada e sabia que não ia tentar detê-lo. Ainda que não fosse o que eu queria, aquilo pelo menos era parecido. Me convenci de que ele querer sexo significava me querer,

*image  
not  
available*

No silêncio do trem BART, a caminho da casa de madame Pig, eu só conseguia pensar na noite passada: em como dormimos encaixados feito pétalas, em Bell me acordando no alvorecer para me contar seu sonho — estávamos num táxi sem motorista atrás de uma bola de tênis que eu rebatera com tanta força que ainda nos sobrevoava. Perseguimos a bola por uma estrada cheia de fábricas abandonadas e galpões de folha de flandres, depois fizemos uma curva violenta para entrar em uma área de casarões carbonizados. A última coisa de que ele se lembrava era de se agachar ao pé de um dólmen de madeira chamuscado, com a luz sanguínea no horizonte.

Primeiro pensei que o sonho parecia um bom sinal, talvez até uma marca do meu poder. Mas todo o contentamento com a noite se evaporou como o charme efêmero de um hit musical. Percebi que os subúrbios bombardeados eram sua ideia de domesticidade em geral e do nosso futuro em particular.

Parecia loucura ter ficado. Com Bell eu vivia à beira de um ataque de nervos, mas pelo menos assim me sentia viva. Também suspeitava que estava perto de conquistá-lo e que, se o fizesse, Bell ia se tornar um amante dócil e amável. Mas o mito de domar um homem era idiota, tão idiota quanto acreditar que haveria algum benefício de longo prazo no desfecho sexual em que nos metemos na noite passada.

O BART fez a curva para Oakland. Pensei que o amor fosse igual a um esquecimento de si, uma sensação calmante, centrada, como

*image  
not  
available*

deram risinhos. “E, acima de tudo, à total devastação física e mental que nos espera no futuro. Enfim nosso tédio e nosso vazio interiores não vão mais ser intimidados por uma natureza viçosa e saudável.”

Houve palmas aqui e ali, e madame Pig enrubesceu, voltando-se para o som. Queria ouvir o disco da Hildegard Knef. Mas, antes que pudesse dar um passo sequer, Pig cambaleou, ergueu a mão como se estivesse apanhando uma borboleta no ar, caiu de joelhos e rolou pelo chão.

Por um segundo, ela ficou inerte, depois, com o rosto contra o carpete, disse: “Alguém pode me levar para o meu quarto, por favor?”.

Três homens acorreram, pegaram-na pelas pernas e pelos ombros e tomaram impulso para erguer seu corpanzil como se fosse uma mesa de sinuca. Segurei a cabeça dela, que pendia feito a de um bebê. No caminho, ela falava incoerências, dizia aos homens que os amava, que podíamos todos ir morar com ela. A baba escorreu pelo rosto de Pig e melou minha mão. Deitaram-na delicadamente sobre a cama, postando-se ao lado embaraçados, juntando instintivamente as mãos, como na igreja. O mais velho meneou a cabeça indicando que deveriam todos sair dali. Apertou a mão dela, seus olhos se abriram, e ela disse: “Deixa eles dançarem”. Joguei um cobertor por cima dela, fechei as cortinas contra a fraca luz industrial alaranjada. Ela me pediu com voz borrada para ir vê-la três vezes por semana, que agora precisava de mim e me pagaria bem, porque suspeitava que logo ia morrer.

O BART parou bem acima da rua. Descendo os degraus após as colunas de cimento, vi, deitados no mato alto, dois amantes bem agarrados, totalmente circundados por jornais velhos e embalagens de fast-food. O cabelo da moça era comprido, alastrando-se feito

*image  
not  
available*



fazer coisas ruins acontecerem com você, ou, o mais importante, fingir que gosta de situações desagradáveis.”

A última parte fez meus olhos marejarem, e madame Pig disse: “Ah, querida, ele te abandonou de novo?”.

Fiz que sim com a cabeça e enxuguei os olhos, mirando fixamente a tigela de vidro cheia de laranjas no centro da mesa. Contei a Pig que ele tinha ido comprar cigarros e não voltara para casa a noite inteira. Depois, que fiquei procurando por ele e o espionei enquanto conversava com o homenzinho.

Ela me interrompeu para dizer refletidamente que não odiava seu ex-marido. “Só desejo que nunca mais trate ninguém como uma vaca.” Então seu olhar pareceu ausente, como se precisasse ir para dentro pensar no que havia dito.

Senti desconforto com aquele silêncio e fiquei olhando para a revista dela, a foto de um astronauta flutuando sem conexão com qualquer superfície ou nave espacial — ele parecia ameaçador com a faísca na máscara negra de seu capacete.

Quando me viu observando, ela disse: “É incrível o que se aprende observando os outros”.

“Não sei se aprendi alguma coisa observando Bell.”

“Quando você vê seu amor fazendo algo a respeito do que nunca vão poder conversar, mais cedo ou mais tarde vai deixá-lo.”

Pensei em Bell num bar certa vez, mesmerizado por uma dupla de drag queens com longas perucas negras, botas de go-go girl e minissaias.

“Não dá para começar do zero com outro?”, perguntou ela, compassiva. “Ah, sei que sempre te empurro para isso, mas adultério é tão mais gostoso quando você está se vingando.”

“Bell é o homem que eu escolhi”, falei, e meu tom de voz me assustou. Era firme e inabalável como o de uma evangélica recém-

*image  
not  
available*

morte está próxima, não é dramático nem assustador, é só entediante.”

“Você não morreria”, falei, “se fosse ao médico.” Ela me ignorou, fingindo lavar o cotovelo. Seus pelos púbicos me lembravam de uma elaborada alga marinha.

“Por que não liga para sua filha?”, perguntei.

“Não vejo a Madison há cinco anos”, disse Pig.

“Então, podia ligar para ela agora.”

“Eu queria mesmo era que você ligasse para ela.”

“Eu nem a conheço.”

Pig ficou de olhos fechados por tanto tempo que pensei que tivesse adormecido. “Em uma tentativa”, disse ela, “de explicar por que não posso ligar para ela, vou te contar como foi que Madison resolveu ir embora. Steven me deixou. Ele vivia de renda e gente assim nunca se apega a nada de verdade. Madison ficou muito mal, não saía do quarto, cortou o cabelo curtinho e pôs um piercing no nariz. E, no mesmo espírito, ela comprou um lobo. Ainda não era adulto e se mostrava muito calmo, tinha cor de mel e carvão, com olhos verde-escuros. Ela o batizou de London e dava hambúrgueres para ele, às vezes um ou outro esquilo ilegal. Ele ficava acorrentado lá nos fundos. Arrancou a estaca tantas vezes que pagamos um garoto pra fazer uma base de cimento. Os meninos do bairro ficavam jogando gravetos por cima da cerca para provocá-lo. Pensavam que era um cachorro raivoso. Depois Madison começou a pedir para irmos libertá-lo lá em Big Sur. Eu estava num mau humor terrível e gostava de ver o bicho sofrer. Madison começou a ameaçar ir embora, mas não acreditei nela. Um belo dia, acordei antes do amanhecer ouvindo um ganido horrendo no quintal. O clima lembrava certas Sextas-Feiras Santas. A corrente do lobo estava completamente esticada, passando por cima da cerca. Espiei pelas ripas de madeira e

*image  
not  
available*

Do lado de fora da estação de trem BART da Market Street, poças na calçada refletiam pedaços de nuvens, pombos se equilibravam na placa da Woolworth's e punks achacavam os turistas na fila do bonde. Do outro lado da rua um cinema pornô abandonado ainda exibia cartazes de mulheres de cinta-liga e sutiã push-up. A expectativa da procura conferia às ruas uma importância fremente. Quando passei pelo Golden Nugget na esquina, os beberrões levantaram a cabeça, homens e mulheres parecidos entre si, como se a birita tivesse um ideal físico andrógino.

A loja se chamava Ozymandias. Havia uma fantasia de Jesus na vitrine com direito a estigmas autocolantes e coroa de espinhos. Enquanto eu esperava para atravessar a rua, distingi Bell se deslocando em meio aos nichos cheios de truques de mágica, fazendo o movimento familiar de ajeitar o casaco por cima dos ombros caídos. O dono da loja, um homenzinho de boné incapaz de um sorriso, passou a tranca na porta depois que saíram.

Bell virou na Jones, e percebi que ele estava se dirigindo ao teatro para o teste. Eu o segui. Ele não parecia especialmente nervoso ou perturbado, embora na esquina com a Sutter tenha se detido um momento, metido as duas mãos no bolso, se recostado num muro de tijolo e se posto a olhar para o céu. Seus gestos estudados me lembravam de sonhos... de observar seu amor conversar aos sussurros com outra pessoa. Bell pousou a mão aberta sobre o próprio peito. Estaria pensando na manhã em que seu pai morreu? Em como havia